

ALBERTO PENA-RODRÍGUEZ
HELOISA PAULO
COORD.



A CULTURA DO PODER

A PROPAGANDA NOS ESTADOS AUTORITÁRIOS

**A IDENTIFICAÇÃO DO INIMIGO:
A PROPAGANDA OPOSICIONISTA
E OS ATAQUES AO SALAZARISMO (1930-1945)**

Heloisa Paulo

**A propaganda oposicionista e o discurso no exílio:
a arte do combate em duas frentes**

“Poiché il fascismo italo-americano era tanto en fenómeno locale quanto un prodotto esportato da Mussolini, gli antifascisti si trovarono a dover combattere su due fronti [...]”¹

“Le discours adressé à un auditoire particulier vise à persuader, alors que celui qui s’adresse à l’auditoire universel vise à convaincre.”²

A evolução dos meios de comunicação acelera o processo de difusão da propaganda estatal, aumentando a diversidade de discursos que se vão adaptando aos novos veículos de divulgação. Os Estados aprimoram-se em buscar os mais avançados recursos

¹ DIGGINS, J. *L’America, Mussolini e il fascismo*. Bari: Laterza. 1982, p. 158.

² PERELMAN, Chaim. *L’Empire Rhetorique et Argumentation*. Paris: Verin, 1977, p. 31.

tecnológicos, visando alcançar auditórios cada vez mais amplos. Com os novos meios de difusão, o discurso oficial ganha contornos diferenciados, fruto da necessidade de adaptação à recente evolução tecnológica³. No essencial, porém, o conteúdo permanece estável, apenas moldando-se às necessidades do momento. Com o intuito não só de convencer, mas de envolver todo o auditório numa mesma proposta política, este tipo de discurso apela aos valores mais caros do seu público-alvo. Neste contexto, é dicotômico, “ameaçador”, mas apresenta como sua a única solução disponível para os possíveis impasses vivenciados no momento da sua emissão⁴.

Por outro lado, o discurso da chamada “contrapropaganda”, apesar da similaridade na apresentação de argumentos, quase nunca acompanha o nível de sofisticação no que tange ao uso de modernas tecnologias. Longe do acesso aos avanços da tecnologia, como o cinema ou a televisão, o discurso oposicionista possui pouca margem de manobra frente aos departamentos estatais da propaganda oficial. Esta diferença de recursos torna-se maior quando a oposição não é reconhecida e combate regimes de força que a colocam na clandestinidade e a levam ao exílio. Nestes casos, no que respeita ao território de origem, os recursos para a difusão do discurso oposicionista são escassos e estão limitados a produção

³ Ver, entre outros, CANISTRARO, Philip V. *La fabbrica del consenso*. Roma: Laterza, 1975; CHEVRIER, Guylain «De la propagande à la communication: l'information, enjeu de pouvoir, enjeu pour la démocratie», *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, n.º 86. Paris: 2002, 9-12.

⁴ São diversos os trabalhos acerca da teoria da argumentação e da análise de discurso, ver entre outros: PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS TYTECA, Lucie, *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles; 1970; MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Ponte, 1997. No que respeita ao discurso político e a utilização da análise discursiva e argumentativa por historiadores ver, entre outros, ROBIN, Regine. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977; AMOSSY, Ruth, «Argumentation et Analyse du discours : perspectives théoriques et découpages disciplinaires», *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], 1 | 2008, mis en ligne le 06 septembre 2008, Consultado em 01 Outubro de 2013. URL: <http://aad.revues.org/2008>.

e divulgação clandestina de panfletos e periódicos impressos em pequenas gráficas ou reproduzidos através de mimeógrafos⁵. No exílio a situação é diferente, já que a oposição, graças aos apoios da sociedade receptora, consegue utilizar meios de maior alcance, como a televisão e o cinema.

Assim, e dada a longevidade do movimento oposicionista em Portugal, Estado e oposição empregam os mais diferentes meios de comunicação durante a vigência do regime fascista. A argumentação evolui com alterações de temáticas, próprias de cada grupo emissor e das necessidades de adaptação ao veículo de transmissão e ao público destinatário. Neste quadro, e tal como ocorre com a diversificação de veículos, temos que considerar as diferenças significativas entre o discurso oposicionista destinado ao público interno, aqui entendido como aqueles que estão no país; e o externo, considerando que o discurso oposicionista tende a buscar apoios em círculos mais alargados, situados no exterior, ou sobretudo no interior das sociedades de acolhimento.

No entanto, a complexidade das análises dos diversos tipos de discursos levá-nos a fixação de um ponto comum a todos eles: a identificação do inimigo. A caracterização do “inimigo”, ou seja do regime a combater, da sua forma de atuação e da ameaça que representa para a sociedade, constitui o cerne da argumentação do discurso oposicionista. De forma mais específica, a nossa análise incide sobre a propaganda oposicionista exilada no Brasil, entre os anos 30 e 40. O material de propaganda oposicionista a circular neste país é semelhante ao distribuído clandestinamente em Portugal ou veiculado em outros países de acolhimento onde existam núcleos de exilados portugueses. Tal facto, contribui para que possamos encarar o discurso oposicionista em território bra-

⁵ Para o contexto português ver, entre outros, PEREIRA, José Pacheco. *As Armas de Papel*. Lisboa: Círculo dos Leitores e Temas e Debates, 2013.

sileiro como um reflexo do que é produzido em outros centros oposicionistas, inclusive Portugal, mas que também revela novas fórmulas argumentativas, adaptadas ao contexto vivenciado pelos exilados no Brasil.

A personificação do poder como argumento: do Carmonismo ao Salazarismo

“Como chamar ao conluio que se agarrou ao governo em Portugal, há já anos? [...] Tirania; ditadura; mistificação? Não. Não basta. É preciso criar um novo nome. A história chamou a 1.^a ditadura – pimentismo, à segunda – sidonismo. À terceira... tem de se lhe arranjar um nome e logicamente, não pode ser senão carmonismo”⁶

Não sendo característica da visão do poder no período anterior, a personificação do poder ganha espaço no debate político com a ascensão dos regimes autoritários e fascistas. A figura do líder assume dimensões heroicas, passando a encarnar o partido ou grupo político que representa e, por extensão, no caso dos fascismos ou autoritarismos é visto como o elemento capaz de concretizar os objectivos traçados pelo partido para a sociedade⁷. Nestes regimes, a propaganda oficial exalta a imagem carismática dos seus líderes, mas estes são também o alvo da contra-propaganda dos exilados e opositores.

⁶ “De Mitra e Capacete”, in: *Portugal Republicano*, Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1932, p. 1.

⁷ Ver entre outros BOURDIEU, Pierre. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Le Seuil, 2001; VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 479 e seguintes.

Os primeiros exilados no Brasil chegam ao Brasil após a primeira grande revolta contra a Ditadura Militar, em 1927. Os textos produzidos, a partir de então, como forma de combate à ditadura centram a sua argumentação numa espécie de “mea culpa” republicana, ou sejam, houve falhas do republicanismo, mas estas foram decorrentes dos maus republicanos, os políticos “profissionais”, responsáveis pelos fracassos da República:

“Os profissionais da política, que não são os verdadeiros políticos, precisavam de uma camisa de força que os contivessem, de um açaímo que lhes prendessem as línguas demasiadamente soltas, de um desinfetante enérgico e cáustico que lhes destruíssem a vermina que os contaminam. O Exército de Portugal cumpriu o seu dever. E depois errou.”⁸

Ao Exército é reconhecido o “controlo” destes “profissionais” da política, que de acordo com a tradição republicana de “servir o povo”, utilizando a política para satisfazer aos seus interesses pessoais. No entanto, o afastamento dos militares dos valores do antigo exército republicano e da sua “missão” de reguladores do conflito social são responsáveis pelo regime ditatorial⁹. Assim como os políticos que desviaram o Estado Republicano do “bom caminho”, os militares agem como traidores da sociedade e da República. Óscar Carmona, que assume a liderança do regime, passa a ser o símbolo do golpismo, da usurpação do poder popular, do militar que trai a sua missão

⁸ “Palavras Necessárias”, in: *O Revivalho, órgão do Comité Revolucionário*, n.º 1, sem data. P. 1.

⁹ Ver, entre outros, FERREIRA, José Medeiros. *O Comportamento político dos militares. Forças Armadas e Regimes políticos em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Estampa, 1992.

como cidadão. O ditador personaliza a ditadura: o Carmonismo é o “inimigo” a abater¹⁰.

Os ataques ao Carmonismo são uma constante na propaganda oposicionista no início dos anos 30. No Brasil, o jornal *Portugal Republicano*, órgão oposicionista que circula no Rio de Janeiro, utiliza a caricatura para listar as características de “Sua Majestade o Carmonismo”. Num dos seus primeiros números, é apresentada a imagem de um militar vestido com uma batina, sentado num trono com uma espada a golpear uma série de livros amontoados ao seu lado. Na legenda, a chamada de atenção sobre a legalidade da ditadura e os seus apoiantes: “sob a batina a farda agaloadá; sob os pés os princípios. E da comédia a farsa; da farsa à tragédia. Até quando?”.

A imagem em questão evoca os principais inimigos da República: a Monarquia, simbolizada no trono no qual está sentada a figura principal; a Igreja, já que a personagem veste uma batina e possui um terço atado no pulso direito; e a Repressão e a Ignorância, já que o poder da espada atravessa os livros, símbolo da instrução e do saber, em cujas lombadas podem ser lidas as palavras “Constituição”, “Liberdade” e “Democracia”¹¹.

O enquadramento da imagem na primeira página completa a metáfora de denúncia veiculada pela caricatura. Ao seu lado, podemos ver uma matéria intitulada “Infâmias Carmonistas”, destinada a chamar a atenção para a existência de um “campo de concentração com profundos e largos fossos cheios de água”, vigiados por

¹⁰ Em contraposição, os militares do Reviralhismo, assim como os exilados, são agora os defensores do republicanismo e da sociedade portuguesa. Sousa Dias, chefe da Revolução de 3 de Fevereiro de 1927, é apresentado como o símbolo deste “militar-cidadão” e que não se deixou levar pelo novo regime. Ver, entre outros, FARINHA, Luís. *O Revirinho*. Lisboa: Estampa, 1998.

¹¹ “De Mitra e Capacete”, in: *Portugal Republicano*, 19 de Novembro de 1932, p. 1.

“metralhadoras”, local de “doenças e mortes”, situado em Timor e destinado aos deportados pela ditadura¹².

A utilização do conceito de Carmonismo confere uma outra dimensão aos argumentos da oposição republicana. Ao contrário da República, que, na sua essência, defendia a sociedade como um todo, a Ditadura Militar é apresentada como a personificação do poder pessoal e dos interesses de grupos específicos. O “inimigo” ganha outros rostos, identificados com administradores, militares e todos aqueles que, com o novo regime, utilizam o poder em proveito próprio:

Sou desafecto à Ditadura Militar, porque, em princípio, sou desafecto ao governo pessoal e ao de classe, principalmente ao de caserna, e especialmente ao atual¹³

A apresentação do Carmonismo é sempre acompanhada por uma espécie de “prestação de conta” dos malfeitos republicanos. Trata-se de opor ao velho republicanismo dos “políticos profissionais” uma nova imagem do ideário da República. O emprego de expressões como “saneamento” e “cura” visam a representar um republicanismo “regenerado” e fiel “aliado” do povo português. Assim sendo, o inimigo de Portugal não é o sistema republicano, nem a democracia que defende na sua essência, mas sim alguns republicanos que traíram o seu ideal. O momento presente é configurado como a possibilidade de remissão dos erros cometidos. Os reais republi-

¹² “Infâmias Carmonistas”, in: *Portugal Republicano*, 19 de Novembro de 1932, p. 1. Notar que neste mesmo número do periódico aparece uma outra matéria onde são referenciados os campos de concentração do “Lazareto, Ribeira Brava e Tarrafal”, “Barbaridades”, in: *Portugal Republicano*, 19 de Novembro de 1932, p. 1.

¹³ “Incapacidade da Ditadura Portuguesa para resolver os problemas da Nação”, in: *Portugal Republicano*, 26 de Novembro de 1932, p. 1.

canos deveriam assumir o poder e fazer prevalecer os valores da democracia em Portugal:

“E que, infelizmente, República e Democracia, não são termos que se confundam [...] Um republicano pode ser o menos democrata de todos os cidadãos, se para ele a República consistir apenas no cenário aparatoso de certas instituições.

[...]

A dívida enorme que contraímos para com os revolucionários de 5 de Outubro só a iremos pagar à medida que formos transformando a República que eles fizeram na Democracia que eles desejariam ter feito”¹⁴

Estas argumentações são constantes na propaganda dos mais diferentes núcleos oposicionistas republicanos, desde Portugal até aos meios exilados em França ou Espanha. A Igreja, a Monarquia e os seus defensores são identificados como “força inimiga”, sendo os argumentos mais marcante durante a vigência da Ditadura Militar e até a implantação do Estado Novo.

No entanto, os exilados precisam sempre adaptar o seu discurso de propaganda ao contexto das sociedades que os acolhem. No que respeita ao Brasil, por exemplo, a religiosidade da própria colónia portuguesa requer uma outra ênfase no discurso anticlerical republicano. É necessário traçar um novo tipo de argumento, onde possam ser distinguidos os bons e os maus católicos. Desta forma, a Igreja que auxilia o regime não seria aquela que defende os pobres, vítimas da política de austeridade do então Ministro da Economia, Salazar. Teríamos assim dois tipos de religiosos: o Padre Cruz, o protetor

¹⁴ MACEDO, N. “República e Democracia”, in: *Portugal Republicano*, Rio de Janeiro: 22 de Outubro de 1932, p. 1.

dos pobres, e Cerejeira, o Cardeal da Ditadura¹⁵. A suavização do discurso anticlerical é a resposta da oposição à propaganda oficial da Ditadura, já que esta apresenta os republicanos como destruidores de Igreja e assassinos de religiosos¹⁶.

O discurso oposicionista amplia as possibilidades de difusão e aceitação das suas publicações ao adaptar-se às condições socio-culturais da sociedade receptora. A veiculação no Brasil da série de entrevista de Afonso Costa ao jornalista brasileiro José Jobim, em Paris, em 1934, no jornal *Portugal Republicano* trabalha com esta opção de “ampliação” do seu auditório. O seu público não é só a elite de exilados e emigrantes cultos, mas também os brasileiros mais cultos e que conhecem a obra do jornalista. A acusação feita pela ditadura contra a má administração republicana dos fundos públicos é respondida com inventários acerca das negociatas realizadas pelo novo regime ditatorial. Ao proplado sucesso da gestão financeira do governo ditatorial são contrapostos dados económicos respeitantes aos empréstimos e a situação económica do país.

Nas entrevistas, o chamado líder da oposição no exílio, Afonso Costa, classifica a gestão de Salazar como um “programa infernal de transformação da alma portuguesa num farrapo”¹⁷, destinado a transformar Portugal num “novo ‘Estado ideal comunista’ governado pelos jesuítas”¹⁸. A referência ao episódio das missões jesuíticas, nas quais os indígenas ficavam sobre o controlo da ordem religiosa, evoca o anticlericalismo republicano e as liberdades defendidas pelos

¹⁵ Ver, entre outros, o Editorial “A Pastoral de Cerejeira”, onde a figura do Cardeal é contraposta pela imagem do Padre Cruz e a “sua longa vida a praticar o bem”, in: *Portugal Republicano*, Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1933, p. 1.

¹⁶ O mesmo se passa com o jornal UNIR, dos exilados portugueses, publicado em Paris, na década de 30, revidando as acusações feitas contra o anticlericalismo dos republicanos. Ver, por exemplo, as denúncias de sacerdotes católicos presos pelo regime. “A justiça da ditadura”, *UNIR*, Paris, 10 de Dezembro de 1938, p. 2.

¹⁷ JOBIM, José. *A verdade sobre Salazar*. Rio de Janeiro: Calvino, 1934, p. 56.

¹⁸ JOBIM, José. *op. cit.*, p. 72.

exilados¹⁹. O entrevistado sugere a ideia da existência de um *complot* formado por sectores da Igreja e defensores do autoritarismos dispostos a derrubar todos Estados democráticos²⁰. Em Portugal, Salazar seria o representante desta conjura:

“Papa Negro da ditadura, provocou primeiro, por mão d’outrem mas sob a sua permanente inspirado, o aumento imoderado das despesas e a chamada política dos financiamentos, isto é, um descalabro geral administrativo, que começaria a obra de abatimento das forças essenciais do povo e da Nação. Em seguida ele consolidaria esses desperdícios e torná-los-ia permanentes pela elevação brutal dos impostos, que, caindo sobre um povo já empobrecido e arrasado pela guerra e suas consequências e pela crise económica geral e suas consequências e pela crise económica geral, mais desceria ainda, em todas as suas classes produtoras e consumidoras, e mais facilmente aceitaria a supressão de todas as liberdades, que ele tornaria igualmente permanente mediante uma nova constituição, em que o cidadão seria nada e o Estado reacionário tudo!”²¹.

Uma nova tónica aparece no discurso oposicionista republicano, até então baseado na construção justificativas do fracasso do regime republicano e na condenação da ditadura militar. Salazar ganha o *status* de “inimigo”. O termo “carmonismo”, que praticamente desaparece do discurso oposicionista português em terras brasileiras

¹⁹ Afonso Costa faz uma menção directa ao episódio dos “Sete Povos da Missão”, uma missão criada pelos jesuítas na fronteira do Paraguai com o Brasil, na qual, apesar da não escravização e da distribuição de terras, o índio estava preso ao serviço da “Missão”. Ver: JOBIM, José. *op. cit.*, p. 73.

²⁰ JOBIM, José. *op. cit.*, p. 73.

²¹ JOBIM, José. *op. cit.*, p. 54.

a partir de Janeiro de 1933, é substituído no restante da década e nos anos seguintes pela expressão “salazarismo”²².

A partir da Guerra Civil de Espanha, o salazarismo passa a ser empregue junto ao termo “fascista”. Neste mesmo período, a Espanha Republicana ganha realce na propaganda oposicionista. A República atacada por Franco e Salazar é apresentada como um “exemplo” de regime democrático e a Guerra Civil uma luta entre o “bem e o mal”²³. Em França, o jornal UNIR, capitaneado por José Domingos dos Santos assume-se como defensor do governo espanhol e dos ideais de democracia, sendo inúmeras as matérias favoráveis aos republicanos, assim como os pedidos de auxílio para o governo espanhol²⁴. Na verdade, os periódicos exilados fazem eco da propaganda republicana espanhola, ela própria elaborada com a ajuda de exilados portugueses em Espanha. No Departamento de Propaganda, sediado em Madrid, e depois em Barcelona, trabalham diversos nomes da oposição, combatentes da ditadura e do salazarismo. É o caso de Novais Teixeira, que permanecerá como Chefe do Serviço de Informação da Subsecretaria de Propaganda até Julho de 1938²⁵. Estes elementos são os responsáveis pela propaganda lançada por avião por cima das tropas compostas pelos “viriatos” de Salazar. Nos panfletos escritos em português, temos o apelo aos “irmãos” que lutam contra Espanha e a evocação da solidariedade e denúncia das “mentiras” forjadas pela propaganda salazarista. Novamente, aparece na argumentação a ideia do

²² Tal fato é constatado na análise do periódico *Portugal Republicano* e outras publicações do género.

²³ PINTO, Arnaldo Simões. “O destino de duas nacionalidades”, in: *Portugal Republicano*, Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1936, p. 3.

²⁴ Ver, entre outros, CLÍMACO, Ana Cristina Pereira. *L' exil politique portugais en France et en Espagne: 1927-1940*. 4 v. Dissertação de doutoramento em Sociédades Ocidentais, apresentada à Universidade de Paris 7 (Denis Diderot), Paris, 1998.

²⁵ *La Vanguardia*. Barcelona: 16 de Julio de 1938, p. 4.

Exército dos “corruptos”, que, apoiando o regime ditatorial e salazarista, traiu o povo português:

“Vocês sabem, infelizmente, a forma brutal como sempre foram tratados pelos asquerosos oficiais da Ditadura. Vocês sabem que dão mais valor à vida dum cavalo, do que à vida dum homem, e é por isso que os venderam! Disseram-lhes que vinham salvar a Civilização. Mas, é mentira! Vocês vieram lutar contra o povo espanhol, que quer como Vocês a independência do seu país. O povo irmão luta contra generais traidores que venderam o seu país ao fascismo sanguinário. [...] Nós sabemos que Vocês foram enganados, e por isso lhes perdoamos. Mas não dispareis mais contra nós! [...] Passem-se para o nosso lado.”²⁶

No entanto, malgrado todo o combate realizado contra a ditadura e o regime salazarista, os republicanos portugueses não conseguem abrir espaço e ter apoios na colónia de emigrantes económicos no Brasil. A personificação do poder empreendida pela propaganda oficial havia criado a imagem de um Salazar rural e “salvador” da sociedade portuguesa, que passa a ser idolatrado pelos emigrantes tradicionalistas.

A imagem de Salazar: o alvo de combate da oposição.

“Mas, o ‘salvador’ pouco se importa de ter levado o povo português à maior das penúrias. Ele deseja salvar a ‘sua’ Ordem e a ‘Ditadura’. A ‘sua’ ordem, pertencem os bancos jesuítas e os monárquicos endinheirados [...] ainda que o povo estoure de fome

²⁶ Panfleto de propaganda republicano, C.E.H.I., DH8 (2)/19(20), UB, Barcelona.

porque a baionetas e as metralhadoras reduzem a lúgubre silêncio desesperados clamores da Nação inteira”²⁷

“In realtà, invece, il nuovo stile politico si guadagnò il consenso popolare proprio perché le preferenze e i desideri del popolo coincidevano in così gran parte con quelli del regime. Gustave Le Bon aveva messo evidenza che se si vuole comandare con successo si devono condividere i miti del popolo in maniera genuina: sia Hitler che Mussolini furono suoi allievi”²⁸

“Imagine-se que, na maior insensibilidade, o Ministério dos Negócios Estrangeiros não duvidou, atentando contra os mais respeitáveis melindres dos nossos compatriotas em terra alheia, solicitar do governo ditatorial do Brasil a censura à imprensa da colônia portuguesa, por temor à repercussão dos seus jornais independentes na mãe pátria e em patrocínio aos salazaristas que lá sucederam aos talassas franquistas, reacendendo velhas dissensões que haviam desaparecido. O protetorado, a que se viram forçados os nossos concidadãos na nação irmã, revela bem o que os ditadores não farão serventuariamente para alcançar o favor de estranhos na luta aos adversários nacionais”²⁹.

A publicação da entrevista de Salazar a António Ferro é um importante marco no “culto a personalidade” desenvolvido pelo ideário do regime. No caso do Brasil, a existência de uma pro-

²⁷ PIMENTEL, Sarmiento. “A Ditadura Arruinadora”, in: *Boletim do Centro Republicano Dr. Afonso Costa*. Rio de Janeiro: Centro Republicano Dr. Afonso Costa, 1933. p. 15.

²⁸ MOSSE, G. *L' uomo e le masse nelle ideologie nazionaliste*, Roma, Laterza, 1988, p. 188.

²⁹ “Os perigos da Ditadura”, in: MACHADO, Bernardino. *Manifestos Políticos (1927-1940)*, (compilação e notas de A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Palas Editores, 1978, p. 468.

paganda voltada para a difusão da imagem do Presidente do Conselho entre os emigrantes aumenta a sua popularidade na colónia portuguesa³⁰. Para fazer frente ao crescente “culto” a Salazar, o discurso oposicionista precisa de uma reconfiguração e uma redefinição do seu público-alvo. Por um lado, há que buscar apoiantes na sociedade brasileira, que vê Salazar como um simples Chefe de Estado, apesar de sofrer os efeitos da propaganda internacional do regime. Por outro lado, combater a imagem “messiânica” de Salazar difundida na colónia pelos meios de comunicação vinculados ao regime de Lisboa. No primeiro caso, a propaganda exilada pode contar com as mudanças no cenário internacional, que afectam a imagem de Salazar diante do público brasileiro. A entrada do Brasil na Segunda Guerra favorece os exilados, já que a figura de Salazar passa também a ser combatida pelos democratas brasileiros. No entanto, a visão de verdadeiro “Messias” cultivada no seio da colónia permanecerá inalterada aos ataques da política interna, dos seus “inimigos” internacionais e dos seus opositores.

Enquanto a figura de Salazar é enaltecida, ganhando destaque nos jornais da colónia, a oposição apresenta-o como um líder fascista por excelência, sobretudo com o aproximar do fim da Segunda Guerra. De facto, presente em caricaturas, panfletos, artigos de jornais ou livros, a argumentação em torno do carácter fascista do regime consegue sobreviver até a derrocada do regime ditatorial em 1974. No exílio francês, o termo só toma força após 1945, quando o fim da ocupação nazista permite a retomada do combate oposicionista.

No Brasil, com a entrada daquele país na Segunda Guerra ao lado dos aliados, os exilados portugueses aproveitam a “abertura” da

³⁰ Sobre o tema ver, entre outros, PAULO, H. *Aqui também é Portugal! A Colónia Portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000

censura de Vargas para denunciar o carácter fascista do regime de Lisboa e do seu líder. Nomes como Jaime de Moraes, Lúcio Pinheiro dos Santos ou Novais Teixeira, que escrevem para os periódicos brasileiros, usam o espaço das suas crónicas para denunciar as atrocidades do salazarismo. O Presidente do Conselho é colocado ao nível dos demais líderes do nazi-fascismo. Mais do que a colónia de emigrantes, o alvo deste discurso é o público brasileiro, pois há que convencer e granjear o apoio da sociedade local, já que, no futuro, o país “democratizado” poderá colaborar para a derrota do fascismo na Península Ibérica no após-guerra. Naquele momento, Salazar não é só o inimigo dos seus opositores, mas também um “inimigo comum”, uma ameaça aos Aliados e ao Brasil:

“Salazar usa a mesma linguagem com que a Alemanha procura diminuir a significação da vontade da nação portuguesa de colaborar com os aliados, e com o Brasil, em primeiro lugar, na restauração da Democracia [...] é o Judas da nossa fé portuguesa negando Portugal e a sua universal Humanidade”³¹

As qualificações que acompanham a caracterização do regime possuem pontos comuns com a propaganda antifascista difundida na Europa. Em ambos os casos, os textos de propaganda acusam os regimes em questão da excessiva centralização e personificação do poder; das restrições ao exercício da cidadania; do uso da coerção e da força para o controlo da sociedade; do emprego da propaganda como veículo da “ideologia”, usada aqui como sinónimo de “mascaramento da realidade” em oposição à “verdade política” republicana, comunista ou anarquista; do sentido imperialista do

³¹ SANTOS, Lúcio Pinheiro, “Os Açores Contra uma Política” in: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 21 de Outubro de 1943, p. 3.

regime que, no caso de Salazar, pode ser exemplificado no “apoio” velado à política expansionista das potências do Eixo:

“[...] O homem é por demais conhecido. Foi ele que botou o sal do claro e azul Mediterrâneo no azar tenebroso do fascismo romano: donde a consagração do seu nome, que o marcará para sempre com a recordação de um crime que só pode ter um nome: salazarismo.”³²

Este tipo de discurso acentua a ideia do “perigo salazarista” para os que combatem ao lado dos aliados, procurando demonstrar a necessidade de uma reação condenatória do salazarismo no pós-guerra. Não se trata somente da figura de Salazar, mas de tudo aquilo que ele representa: um regime aliado aos “inimigos” do Brasil.

A “desqualificação” da imagem do Presidente do Conselho como um possível “líder messiânico” é subjacente a argumentação apresentada. É o ponto mais delicado de ser defendido diante da colônia que, mesmo durante o decorrer da Segunda Guerra, ainda apoia o Presidente do Conselho. Os emigrantes preverem seguir as declarações da propaganda salazarista difundida no Brasil, que acentuam o posicionamento de Salazar como agente de uma “neutralidade colaborante”³³.

Não é um combate fácil, já que, para além da propaganda oficial, a áurea criada em torno do Presidente do Conselho é reforçada pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil, que, supostamente representa toda a colônia³⁴. Na verdade, este processo é o culminar de todo o trabalho propagandístico desenvolvido nos anos trinta

³² SANTOS, Lúcio Pinheiro, “O silêncio de Churchill e o Eixo Lisboa-Buenos-Aires” in: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 4 de Junho de 1944, p. 3.

³³ Ver PAULO, Heloisa. *“Aqui também é Portugal”*. Op. Cit.

³⁴ Ver PAULO, Heloisa. *“Aqui também é Portugal”*. Op. Cit.

realizado na tentativa de sublimar a imagem de Salazar. Assim sendo, e reproduzindo as matérias veiculadas pelo Secretariado de Nacional de Propaganda em Portugal, os jornais da colónia tratam de retratar o Presidente do Conselho como um exemplo de líder “predestinado”. Quando a restauração dos painéis de Nuno Gonçalves, “revelam” o rosto do Presidente do Conselho, o periódico *Jornal Português* lança uma matéria sensacionalista onde indaga: “Salazar e os painéis de Nuno Gonçalves. Provar-se-ia a Teoria da Reencarnação?”³⁵. Noutro periódico, a *Pátria Portuguesa*, o seu redator-responsável, António Guimarães, reconhece o “messianismo” como “uma das características mais acentuadas e mais persistentes no temperamento luso”, saudando, portanto, Salazar como “mais um nome a acrescentar à comprida lista dos nossos ‘Messias’”, diferente dos anteriores — “diferente e é melhor”, enfim, “uma das dádivas de Deus”. O texto termina com um pedido: “salve Portugal e terá todo o nosso reconhecimento”³⁶.

A imagem do “Messias Salazar” é contestada pelo discurso oposicionista através de inúmeros recursos, sendo a sátira o mais popular. Ela é “arma” utilizada nas primeiras reações dos opositores contra esta imagem “messiânica”, enfatizando o “clericalismo” do seu protagonista, retomando a crítica da visão republicana:

“A quem queres iludir, ó corvo quizilento?
Jesuíta! Sai d’ai e volta pr’o convento!”³⁷

No entanto, a permanência da imagem messiânica de Salazar na colónia e o forte investimento levado a cabo pela propaganda ofi-

³⁵ *Jornal Português*, 14 de Janeiro de 1933. p. 1.

³⁶ *Pátria Portuguesa*, 15 de Janeiro de 1933. p. 2.

³⁷ “A Única Verdade”, in: *Portugal Republicano*, Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1936, p. 5.

cial não mostram sinais de abalo diante das investidas do discurso satírico da oposição. Durante toda a década de trinta e quarenta, malgrado a condenação do regime e da sua neutralidade, Salazar continua a ser um “líder” para a colónia portuguesa no Brasil. No após-guerra, graças à Guerra Fria e o seu “persistente” combate ao comunismo, o Presidente do Conselho consegue recuperar a sua imagem também no cenário internacional, afastando-se da comparação com os regimes nazi-fascistas³⁸.

À guisa de conclusão, a luta contra o regime empreendida pela propaganda exilada é marcada pela desigualdade frente ao investimento da propaganda oficial do regime. Por um lado, as dissidências internas ao movimento oposicionista enfraquecem a imagem dos opositores. Por outro, são obrigados a confrontar-se com a colónia de emigração, quase sempre favorável ao regime de Lisboa.

Sujeitos as pressões da colónia, da propaganda oficial, dos representantes diplomáticos do regime e da própria sociedade de acolhimento, o trabalho de propaganda dos exilados é limitado e obrigado a contar com as reviravoltas políticas locais e internacional. As tentativas de combater “culto à personalidade” empreendido pelos emigrantes em torno da figura de Salazar são infrutíferas. Na verdade, num determinado segmento da colónia portuguesa do Brasil, o velho Salazar, ainda é figura de relevo e o seu retrato ainda emoldura as paredes de algumas associações.

³⁸ Ver, entre outros, PAULO, H. *Op. Cit.*